

RESENHAS

SOFIATTI, Flávio Munhoz. *Religião e Juventude: os novos carismáticos*. Aparecida: Ideias & Letras/FAPESP, 2011. 276 p. ISBN 978-85-7698-126-8.

Recebido em 04/08/2014 - Aprovado em 27/08/2014

Emerson Sena da Silveira¹

Flavio Sofiati, doutor em sociologia pela USP e professor da Universidade Federal de Goiás, recupera em sua obra o termo pentecostalismo católico, cujo uso fora progressivamente eliminado das análises teóricas por parte de pesquisadores vinculados ou não ao catolicismo. O autor pretende, dessa maneira, investigar os movimentos juvenis ligados à referente religiosidade católico-carismática.

Por meio de uma criativa combinação de recortes investigativos e epistemológicos, cujo enfoque central relaciona-se diretamente à juventude católica das cidades de médio porte, bem como à crítica da sociologia da religião (tendo Max Weber e Antonio Gramsci como inspiradores teóricos, ao lado de investigadores brasileiros, entre os quais, Antônio Pierucci, Marcelo Camurça e outros) o autor realiza um estudo detalhado, contribuindo para as pesquisas sobre religião e juventude no Brasil.

O movimento pentecostal que, em 1967, atingiu a Igreja Católica, a partir da atuação de jovens universitários carismático-católicos revela pistas interessantes sobre o estatuto da religião na modernidade. O pentecostalismo católico expressa, em sua nomenclatura, ambiguidades inerentes a uma vivência religiosa que se encontra afinada tanto com o pentecostalismo, em termos de crenças e práticas (como a glossolalia, busca de curas e milagres, exorcismos, utilização massiva dos meios de comunicação) quanto com a identidade católica: o culto à Virgem Maria, à valorização da moral católica e da hierarquia eclesial, entre outros. No decorrer das interessantes e instigantes investigações empíricas, porém, o uso da nomenclatura RCC (Renovação Carismática Católica) retoma seu curso e se alterna com outros termos: movimento, religiosidade etc.

O livro é constituído de três partes, com dois capítulos cada uma. No primeiro capítulo da primeira parte, Sofiati constrói uma sofisticada sociologia da juventude católica, ao esquadrihar a relação entre juventude, história e sociedade, indagando-se sobre suas formas de organização. Dessa maneira, apropriando-se dos discursos do

¹ Doutor em Ciências da Religião, Professo de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: emerson.pesquisa@gmail.com

sociólogo Max Weber e do filósofo Antônio Gramsci, propõe, no segundo capítulo, conceitos sobre juventude e religião, por meio do jogo de categorias concretas e abstratas, jovem e juventude. Constrói a noção de juventude partindo da definição de Groppo, que inclui o critério etário não relativista e o critério sociocultural relativista. A problematização das conceituações, inclusive de religião, é aprofundada, relacionando-se autores como Mannheim, Weber e Gramsci.

A noção gramsciana de intelectual é aplicada às lideranças carismáticas que, pela sua voz e pela que escrita, tornam-se modelos de catolicidade pentecostalizada “de” e “para”, na adaptação da fórmula de Clifford Geertz. Para Gramsci, no dizer de Sofiati: “o intelectual (...) é o sujeito capaz de formular uma interpretação coerente do mundo e orientar a ação, numa sociedade marcada pelas diferenças e divisões sociais”. Para a RCC, portanto, merece destaque pessoas como padre Jonas Abib, Dunga, o grande idealizador do movimento PHN – Por Hoje Não Vou Mais Pecar, voltado para a juventude, cujas propostas de reconfiguração moral do comportamento pautam-se em estratégias modernas, como os meios de comunicação e a escolha individual e pessoal.

Sempre a partir de uma perspectiva fortemente lastreada em seu objeto de estudo, situando a RCC nos fluxos e contrafluxos da religião, na modernidade, os dois capítulos correspondentes à segunda parte trabalham os grandes temas da sociologia da religião, a questão da secularização e do desencantamento. Dialogando com Berger e Mariz, Sofiati avalia os fluxos de secularização e da contrassecularização, contrargumentando com sutilezas empíricas (p. 101):

Na análise da realidade do movimento carismático católico, nota-se a presença de setores de classe média e rica em seu interior. Significa que a ideia defendida por Berger, da adequação à modernidade, é relativizada no interior da RCC [...] O fato é que, apesar de pertencer ao setor modernizador-conservador da IC [Igreja Católica], a RCC consegue manter seu caráter magicizado e de distanciamento do mundo mesmo dentro dos setores sociais mais elevados em termos de bens culturais.

Citando Lísias Nogueira Negrão, para quem no Brasil o Estado e as instituições são secularizados, mas a mentalidade cultural do povo ainda é encantada ou magicizada, Sofiati aborda o pluralismo religioso brasileiro, relacionando-o aos dados do IBGE, segundo os quais 89,2% da população são cristãos. Ressalta-se que se trata de uma pluralidade marcada pelo:

processo de ascensão das vertentes religiosas de cunho mágico [...] parte do processo de pluralização religiosa, de desinstitucionalização da religião, de esvaziamento de instituições religiosas tradicionais, de multiplicação das opções religiosas existentes e de relativa liberdade individual de escolha religiosa acompanhada da ruptura com representações e visões de mundo (p. 114-115).

A seguir, Sofiati discute as tendências do catolicismo brasileiro, estabelecendo uma interlocução com teólogos e sociólogos, além de articular perspectivas que esclarecem tipologias de cenários e igrejas (igreja da pregação, igreja da práxis libertadora). Discutindo Lowy e as tendências orgânicas do catolicismo, no capítulo 4, inclui a RCC no pentecostalismo católico. Mas é a partir de uma literatura sociológica desenvolvida por sociólogas como Brenda Carranza e Maria das Dores Machado, que ele aborda a história do movimento e sua origem, nos EUA e no Brasil, bem como sua estrutura e sua dinâmica. As fases e estruturas organizacionais da RCC são expostas à contemporaneidade: nos anos 1990, emerge a figura dos padres cantores midiáticos, como padre Marcelo Rossi e, nos anos 2000, as comunidades de vida e aliança tornam-se seu principal meio de recrutamento: “isso ocorre pelo fato de as comunidades terem desenvolvido sistemas de comunicação próprios com forte presença na mídia regional e nacional” (p. 132).

A teologia carismática enfatiza os dons do Espírito Santo, em especial os carismas proféticos e extraordinários, como o carisma de curar e o de falar em línguas, contudo, trata-se de uma teologia premida pela necessidade de enfatizar os sinais identitários de catolicidade.

Com maestria, Sofiati segue desvendando o *modus operandi* da RCC, que se dá na política partidária e nos meios de comunicação, como as igrejas católicas, exemplificando, especialmente, a cidade que foi base de seus estudos, Araraquara.

Na terceira parte, a juventude carismática é abordada como um “movimento” dentro do movimento da RCC, o chamado PHN, e os grupos de oração de Araraquara, os Novo Pentecostes e a comunidade Canção Nova.

No capítulo 5, analisa, de forma exemplar, a forma como a juventude carismática se ordena: a base assenta-se na organização do Ministério Jovem e no Ministério Universidades Renovadas, além do Ministério de Música, estabelecendo papel central nos grupos de oração e eventos de massa, muitos dos quais se tornam estratégias de atração de adeptos jovens. Promovem-se eventos direcionados à organização da juventude: cristotecas, *raves* católicas, Virada Radical, Lazer no Espírito, que consistem em evangelização em praça pública.

Uma das estruturas mais bem organizadas no movimento é o Ministério Universidades Renovadas, com duas bases de atuação: os GOUs, Grupos de oração Universitários, que em 2005 eram 707 no Brasil todo; e o Projeto Profissionais do Reino, voltado para os que se graduaram, procurando incluí-los em projetos sociais e missionários. Os GOUs surgem em 1994, na universidade de Viçosa, Minas Gerais, e ganham progressivamente o Brasil.

Outro elemento fundamental, na estrutura atual da RCC, são as comunidades de vida e aliança, formadas por membros que se reúnem com frequência, dedicando-se parcial ou totalmente às atividades da comunidade, residindo em locais comprados ou doados. Citando Carranza, Sofiati perscruta esse tipo de catolicismo, perfilando suas características: catolicismo intransigente, defensor da doutrina, com forte senso de obediência a Roma e defesa radical de uma moral rígida. Inclui-se, por sua vez, o uso

intenso dos meios de comunicação, da valorização de projetos sociocaritativos e dos laços de solidariedade mútua, bem como o encorajamento às consagrações religiosas e, por fim, o estímulo a experiências pessoais emotivas e grandes eventos de massa. Sofiati segue abordando as diversas comunidades até chegar àquela tida como paradigmática, a Canção Nova, e enfoca o “produto” cançãoovista voltado à juventude: o PHN. Fundado por um famoso membro conhecido como Dunga, essa iniciativa da Canção Nova para jovens mobiliza todos os recursos possíveis para “evangelizar” a juventude: programas de TV, CDs, acampamentos de oração (reuniões massivas), enfim, uma estrutura de comunicação imponente.

A metodologia do PHN enfoca a permanência do jovem no movimento, deixando claro que “é preciso parar de pecar, por hoje”. A visão de pecado é ampla e os discursos do Diabo sempre estão à espreita, especialmente nas áreas que concernem à sexualidade e à afetividade. O autor aborda discursos e estratégias do PHN voltados para a juventude. O corpo é objeto de controle das sensações, dos desejos e, para isso, são exigidos jejuns e orações, bem como atividades de reflexão. A sexualidade torna-se palco central da batalha pela juventude e, nesse sentido, as reflexões de Weber continuam atuais, como evidencia Sofiati (p. 205):

É importante acrescentar que a renovação carismática tem feito a disputa direta com a esfera erótica na sociedade na medida em que centra em seu projeto de evangelização juvenil, o elemento afetivo-sexual como foco da origem do pecado na vida do fiel.

Por fim, no capítulo 6, o estudioso aborda o grupo de oração Novo Pentecostes, de Araraquara. Mas antes, discorre sobre pesquisas feitas sobre a juventude, no âmbito do Programa Municipal de Prevenção às DS/HIV/AIDS, comentando dados de renda, lazer, trabalho e preferências dos jovens. Sofiati observa que “a música é um importante instrumento de mobilização juvenil e tem sido utilizada com demasiado sucesso no grupo de oração observado e nas religiões em geral” (p. 124). Analisando a RCC na cidade, chega-se ao grupo Novo Pentecostes e sua estruturação, constituída por lideranças leigas, no caso, um homem que se diz inspirado pelo padre Jonas e Dunga, considerando-se cançãoovista, ou seja, profundamente identificado com a comunidade carismática Canção Nova. Um jovem, 27 anos, a quem se atribuem dons de curas e milagres, e que desde os 14 anos, participa ativamente do grupo, liderando-o. O trabalho de campo desenvolvido mostra inúmeras facetas, desde as disputas internas do grupo até os testemunhos dos jovens em seus anseios e procuras. Ao fim do capítulo, é feita uma análise comparativa entre jovens carismáticos brasileiros e franceses. Com estruturas similares, há diferenças, contudo, em termo de práticas, como o repouso no Espírito.

Traçando constatações como a grande influência do PNH nos grupos de oração paulistas, em virtude do sistema de comunicação e dos produtos audiovisuais vendidos em massa, Sofiati retorna à questão da vivência diária da santidade, como um programa reflexivo para a juventude, oferecido pelo movimento carismático católico nas mais

diversas instâncias. E assim, se está diante de um quadro sociológico, bem detalhado, da juventude católico-carismática, construído com rigor e articulação entre teoria e empiria.

Mas, diante das análises densas, dos fluxos do pentecostalismo católico, do mercado religioso em expansão, dos usos dos meios de comunicação, das emergências da magia e do conservadorismo e das antigas batalhas pela sexualidade e moralidade, surge uma pergunta: de fato, qual é o novo dos novos carismáticos?